ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA TAXA DE INTERNAÇÃO POR ESQUISTOSSOMOSE NA BAHIA DURANTE O PERÍODO DE 2018 A 2022

Bianca Rios Sampaio*, Camila Melo de Freitas, Heva Manuele de Almeida Fernandes, Rodrigo Almeida Souza, Letícia Jacon Vicente

Faculdade Pitágoras de Medicina, Eunápolis, BA, Brasil

Introdução/objetivo: A esquistossomose (EM) é uma enfermidade parasitária, desencadeada pelo helminto Schistosoma mansoni. Ela é uma doença negligenciada e endêmica em populações de baixa renda ainda que já existam medidas preventivas e tratamentos conhecidos. A EM é semelhante a outras entidades nosológicas, em função das manifestações clínicas plurais que ocorrem durante sua evolução. Contudo, mesmo com o conhecimento sobre o diagnóstico, a epidemiologia e as medidas de profilaxia e controle tornam-se extremamente importantes para o clínico. Devido à representação de um problema de saúde pública, o objetivo deste estudo é analisar o perfil epidemiológico bem como a sua relevância baseada na gravidade da doença tendo em conta a prevalência dos casos de internação registrados no período de janeiro de 2018 a abril de 2023.

Métodos: Este artigo apresenta um estudo transversal acerca das internações por EM no estado da Bahia, entre janeiro de 2018 e abril de 2023. As informações foram retirados do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Sistema Único de Saúde (SIM/SUS) utilizando da análise dos seguintes fatores: lista CID-10 em doenças parasitárias, apresentando variantes como faixa etária, sexo, ano do processamento e cor/raça.

Resultados: Nos anos de 2018 a 2023, 91 pessoas foram internadas por Esquistossomose na Bahia segundo o SIM/SUS, sendo que 2022 apresentou a maior contagem com 26 internações, enquanto 2023 apresentou a menor contagem com 04 internações. Com base no dados, foi possível perceber que o sexo masculino foi mais afetado que o feminino com uma contagem de 15 casos de diferença entre eles. Referente à faixa etária, a mais acometida foi a dos adultos de 50 a 59 anos, deixando as menores contagens para as crianças de 1 a 4 anos, que apresentam 1,1% do total. Ademais, os pacientes pardos foram os mais afetados, representando 63,7% dos 91 internamentos, enquanto a população amarela representa apenas 3,3% do valor total.

Conclusão: A EM ainda se mantém como um problema de saúde pública gerando custos e interferindo, negativamente, na qualidade de vida da população. Apesar do controle dessa doença ser complexo e necessitar de ações relacionadas a mudanças das condições de vida das populações expostas, de medidas de cuidado ambiental e de educação em saúde é imprescindível a tomada de decisões, pelo poder público, no que tange o planejamento de estratégias de prevenção, controle e divulgação dessa doença.

Palavras-chave: esquistossomose saúde pública doença negligenciada

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103503

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DA DOENÇA DE CHAGAS NO BRASIL DURANTE O PERÍODO DE 2018 ATÉ 2023

Bianca Rios Sampaio[a,*], Ana Luiza Borges Resende[b], Lara Cristina Alves Oliveira da Cruz[a]

[a] *Faculdade Pitágoras de Medicina, Eunápolis, BA, Brasil;*
[b] *Faculdade de Ciências Médicas de Belo Horizonte, Belo Horizonte, MG, Brasil*

Introdução/objetivo: A doença de Chagas é uma patologia infecciosa causada pelo protozoário flagelado Trypanosoma cruzi e é transmitida pelo contato com as fezes do vetor, inseto conhecido popularmente como ''barbeiro''. Pode ser transmitida,também, pela via oral através da ingestão de alimentos contaminados com o parasita, de mãe para filho ou de forma congênita. Manifesta-se, inicialmente, por um quadro febril, vermelhidão, sinal de Romanã que, costumam desaparecer após alguns dias, o que dificulta a conduta terapêutica, pois a patologia pode evoluir de forma silenciosa e sistêmica. O quadro clínico é caracterizado por uma miocardite fibrosante progressiva e crônica, além de hepato e esplenomegalia. O diagnóstico é feito por meio de exames laboratoriais, como o exame parasitológico e o sorológico. Deste modo, o seguinte estudo objetiva analisar o perfil epidemiológico dos casos de Chagas no Brasil durante o período de 2018 até 2023.

Métodos: Utilizou-se o sistema de informações Tabnet do Sistema Único de Saúde (SUS), no qual foi possível filtrar os dados de notificação do período de 2018 a 2023, os estratos de modo de transmissão, casos por região do Brasil e as zonas de residência. Buscou-se um comparativo da quantidade de casos entre as regiões de todo Brasil para a observação de prevalência e, com os cálculos, encontrou-se uma significativa taxa de prevalência na região Norte.

Resultados: No período dos últimos cinco anos analisados observou-se cerca de 331 casos de doença de chagas no Brasil, sendo que foram notificados 11 casos no ano de 2020 e 320 casos no ano de 2021. A prevalência por região no ano de 2020 foi de 95% na região Norte. Além disso, 100% das zonas de residências foram ignoradas no preenchimento da ficha de notificação, o que dificulta a elaboração de políticas públicas voltadas ao foco da doença. Ademais, dentro o modo mais frequente de transmissão têm-se a via oral, constituindo aproximadamente 87% dos casos totais, o que denota a falta de conscientização quanto ao preparo correto dos alimentos.

Conclusão: A ausência de uma investigação eficaz determina o desconhecimento da real incidência de agravos decorrentes da Doença de Chagas. A divulgação das diferenças ecoepidemiológicas, considerando os fatores socioeconômicos e ambientais, entre as regiões, afetam e modelam os perfis da doença. É essencial para melhor compreensão da patologia o aperfeiçoamento das ações de prevenção e o aumento na precocidade do diagnóstico.

Palavras-chave: doença de chagas doença negligenciada saúde pública

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103504